



DE HANSON À FREUD: CONSIDERAÇÕES SOBRE A INTERPRETAÇÃO E A OBSERVAÇÃO NA CLÍNICA PSICANALÍTICA

FROM HANSON TO FREUD: CONSIDERATIONS ABOUT THE INTERPRETATION AND OBSERVATION IN THE PSYCHOANALYTIC CLINIC

LUNA, Poliana Campos Côrtes
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF

TESKI, Amanda
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF

Resumo – É imperativo o senso comum da visão da ciência como neutra e absoluta. Diante desse olhar, considerou-se os pensamentos hansonianos da indivisibilidade da observação e da interpretação. Entendendo a observação como passar por uma experiência na qual há no ver algo a mais, entende-se o observar como criar expectativas baseadas no conhecimento prévio do sujeito. Assim, a observação científica e a interpretação científica são incapazes de se separarem. Freud traz uma visão diferente, podendo dizer antagônica. Dessa forma, busca-se em teóricos e na prática clínica o arcabouço necessário para sustentar a desmistificação do senso comum manifestado anteriormente. O objetivo dessa pesquisa é fazer um paralelo entre as teorias hansonianas e freudianas quanto suas visões a respeito da

observação e interpretação, bem como entender como na prática clínica em psicanálise isso é conduzido. Para o desenvolvimento do trabalho foi feita uma análise bibliográfica com os principais teóricos, os quais versam sobre a temática proposta, e também um estudo de caso, de modo que conduzisse a pesquisa a fim de analisar as questões levantadas. Destacou-se que com a prática clínica e com o passar dos anos, os teóricos se manifestam no sentido de que o ato de observar e interpretar, estão indissociáveis, assim como observado por Hanson. Se hoje não há mais espaço para o princípio do espelho proposto por Freud, cabe ao analista manter suas convicções, crenças e experiências pessoais, resguardadas, mas ao mesmo tempo, permitir-se lançar mão desse mesmo aspecto como ferramenta terapêutica, se e quando, for necessário. Entende-se, portanto, que sim, a observação científica e a interpretação científica são indissociáveis, ou mesmo não se pode nem dizer que essas chegam a tanto, uma vez que elas nem nada seriam uma sem a outra.

Palavras-chave: Observação, Interpretação, Psicanálise.

Abstract – The common sense about science as neutral and absolute is imperative. According to this perspective, the Hansonian thoughts of the indivisibility of observation and interpretation were analysed. Considering observation as going through an experience in which there is something more to be seen, observing is understood as creating expectations based on the subject's prior knowledge. Thus, scientific observation and scientific interpretation are incapable of being separated. Freud brings a different view, which can be considered to be antagonic. In this way, it was found in theorists and clinical practice the necessary framework to support the demystification of the common sense previously manifested. The objective of this research is to make a parallel between Hansonian and Freudian theories regarding their views on observation and interpretation, as well as to understand how this is conducted in clinical practice in psychoanalysis. For the development of the work, a bibliographic analysis was carried out with the main theorists, who deal with the proposed theme, and also a case study, in order to conduct the research to analyse the issues raised. It was highlighted that with clinical practice over the years, theorists have been manifested in the sense that the act of observing and interpreting are inseparable, as mentioned by Hanson. If today there is no more space for the mirror principle proposed by Freud, it is up to the analyst to keep his convictions, beliefs, and personal experiences protected, but at the same time, allow himself/ herself to use this same aspect as a therapeutic tool, if and when necessary. It is understood, therefore, that yes, the scientific observation and the scientific interpretation are inseparable, or it cannot even be said that they reach so much, since they would not be a thing without each other.

Key words: Observation, Interpretation, Psychoanalysis.

INTRODUÇÃO

É comum se observar a visão da ciência como neutra e absoluta, na qual o cientista é um observador fiel dos fatos deixando de lado seu posicionamento histórico-cultural. Porém, o que se questiona com essas ideias é se isso não passa apenas de senso comum, uma vez que os cientistas inserem seus projetos individuais e coletivos ao participarem de um universo cultural e linguístico. Dessa forma, não é possível dizer que a observação é imediata, direta, global (BERTELLI, 2007).

Por outro lado, não se pode afirmar que a observação é simplesmente passiva, conforme afirma o filósofo francês, Fourez (1995), ao se manifestar no sentido de que se trata de uma certa organização da visão. Para ele, é necessário relacionar o que se está vendo com o que se aprendeu anteriormente. Tal noção remonta o filósofo Kant, e a psicologia cognitiva persiste nesse sentido, trabalhando na construção dos conhecimentos. Entende-se que a observação vai retratar o conhecimento disponível. Os objetos observados são *theory-laden*, ou seja, construídos pela teoria, no qual o construir é o ver. Ao observar algo, cria-se expectativas. O conhecimento está embutido ali, não é algo que foi adicionado (SILVA, 2010).

Tal afirmação conversa com o que é narrado por Hanson (1975), em seu texto, ao sugerir que primeiro é preciso aprender para depois interpretar. O referido filósofo exemplifica tal situação com um experimento entre um físico e seu bebê de meses no colo. Ambos estão em um laboratório onde devem observar um objeto composto por fios, parafusos, refletores e botões. Indaga-se se eles observam a mesma coisa. Apesar dos dois terem consciência visual do mesmo objeto apresentado, o modo que possuem tal consciência é totalmente diferente. Entende-se, portanto, que ver não é somente ter a experiência visual, mas também como se tem. Assim, se um indivíduo não aprendeu tanto quanto o outro, não poderá interpretar da mesma forma que este, embora ambos vejam a mesma coisa.

Diante do exposto, é possível afirmar que a observação e a interpretação caminham juntas, são inseparáveis. Não seria possível dizer que dois cientistas diante dos mesmos dados seriam capazes de relatá-los igualmente e somente depois, após

interpretação das informações, poderiam divergir. Por isso que a observação científica e a interpretação científica não podem ser isoladas. Na verdade, nem precisam ser conjugadas, pois nunca se afastam uma da outra, assim não é preciso aproximá-las. Vivem uma vida de simbiose, sustentando uma a outra, na qual seria impossível sua separação (HANSON, 1975).

Nesse sentido, é reforçada a ligação entre a observação e a interpretação por Novaes (1988), o qual ainda afirma que a realidade sensível não é capaz de produzir um saber visto que as coisas sensíveis são, múltiplas, muitas e ao mesmo tempo diferentes. Ainda, pontua que os que deixam se levar somente pelos sentidos, assumem riscos ao afirmarem o que estão vendo, já que ver é mais do que se vê. Para Popper (1980), a observação é intencional, só é possível observar quando se parte de um ponto de vista, sendo a observação então, seletiva por ter base teórica, um referencial. Corroborando nesse sentido, é possível entender que:

Estamos certos de que a visão depende de nós e se origina em nossos olhos, expondo nosso interior ao exterior, falamos em janelas da alma, estamos igualmente certos de que a visão se origina lá nas coisas, delas depende, nascendo do teatro do mundo, as janelas da alma são também espelhos do mundo (CHAUI, 1988, p. 33).

A visão, portanto, depende de nós, do modo como a vemos. Observar é ter uma experiência, na qual há no ver algo a mais do que chega aos olhos. É mais do que estar em estado de alerta e ter a experiência visual, é também o seu modo de ter essa experiência. Daí surge o estado de cautela para que não haja exageros nas descrições das observações do que encontram. Tal erro aparece devido ao salto que é dado e que foge do recebimento exato dos sinais-sensórios do mundo externo, indo ao nível de especulações, passando do que a base de dados assegura (HANSON, 1975).

DA TÉCNICA À PRÁTICA CLÍNICA

As visões de Hanson e Freud ao longo de seus estudos e teorias, em um primeiro momento parecem muito afins, contudo, à medida em que se lança um olhar mais atento às questões que envolvem a filosofia e a psicanálise, no campo da interpretação e da observação, percebe-se uma dicotomia entre o entendimento destes teóricos.

Enquanto Hanson busca evidenciar a impossibilidade da condição de imparcialidade, considerando que nossas percepções são fruto de elementos externos e experiências, responsáveis por dar-nos uma visão única da interpretação do que fora observado, Freud, de forma antagônica, defende que a visão psicanalítica, ou seja, da prática clínica em psicanálise, deveria ser sempre distante e imparcial.

A abordagem mais conhecida de Freud a respeito dessa regra, é aquela que consta em suas Recomendações... de 1913, no qual ele apresenta a sua famosa metáfora do espelho, pela qual ele aconselhava os médicos que exerciam a terapia psicanalítica que “o psicanalista deve ser opaco aos seus pacientes e, como um espelho, não mostrar-lhes nada, exceto o que lhes é mostrado”. Freud representava essa recomendação como sendo a contrapartida da regra fundamental exigida ao paciente... (ZIMERMAN,1999, p. 296).

No entanto, como destacado por Zimerman (1999), ao longo dos anos, esse entendimento foi sendo refutado na prática clínica, à medida que foi se formando uma corrente mais atual, parecendo concordar com a premissa original de Hanson sobre o princípio da neutralidade.

...A neutralidade, no sentido absoluto do termo, é um mito, impossível de ser alcançado, até mesmo porque o psicanalista é um ser humano como qualquer outro e, portanto, ele tem a sua ideologia e o seu próprio sistema de valores, os quais, quer ele queira ou não, são captados pelo paciente (ZIMERMAN,1999, p. 297).

Outro ponto que nos interessa destacar, é o entendimento da conotação do termo interpretação no entendimento freudiano na psicanálise. Diferentemente do pensamento hansoniano, que preconiza a indivisibilidade da observação e da interpretação, no qual observar é ter uma experiência, na clínica, pode ser denominada como uma descoberta a ser explicada ao paciente, conforme destacado abaixo:

... A palavra “interpretação” não é uma tradução fiel ao termo original empregado por Freud, que é Deutung, cujo significado alude mais diretamente a um esclarecimento, explicação, sendo que especialmente Freud também emprega o termo bedeutung, o qual se refere à descoberta de uma significação. Assim, nos trabalhos de Freud sobre técnica psicanalítica, “interpretar” aparece como uma forma de o analista explicar o significado de um desejo (pulsão) inconsciente (ZIMERMAN,1999, p.377).

Mesmo outros teóricos, antecessores à Zimerman, como por exemplo, Greenson (1972), em seu livro “The technique and practice of psychoanalysis”, dedicou-se logo no primeiro capítulo da obra, a uma sessão destinada a técnica da interpretação por parte do analista, desde a definição do termo no uso clínico, bem como a elucidação do processo em si, destacando a importância do “material apresentado pelo paciente”, ou seja, seu contexto, subjetividade e percepções, além de propor quatro procedimentos distintos no que se refere a interpretação. Seriam eles: Confrontação, Clarificação, Interpretação e Resolução do problema.

Pode-se afirmar, portanto, que é necessário que o paciente seja “provocado” pelo analista para olhar e recontar sua própria história, oferecendo ao terapeuta subsídios para interpretar e ajudar o paciente a perceber-se por outro ponto de vista, que o conduzirá a uma melhora de seus sintomas.

Para o autor, a etapa da interpretação é um diferencial na psicanálise, visto ser uma ferramenta de manejo clínico, capaz de fazer com que o fenômeno inconsciente do paciente se torne consciente. Este processo, é, portanto, muito maior que uma mera intervenção, pois exige que o analista use seu próprio inconsciente, sua empatia e intuição, associado ao seu conhecimento teórico, para chegar a um desfecho interpretativo (GREENSON, 1972).

Neste contexto, observa-se que os casos clínicos são permeados de momentos de observação, normalmente feitas pelo analista, mas que também são feitas pelo próprio analisando ao reexaminar suas experiências passadas para resignificá-las.

JOANA S – UM ESTUDO DE CASO

No que tange aos critérios de observação e interpretação, relata-se a seguir uma experiência clínica, capaz de demonstrar de forma contumaz as teorias quando aplicadas à prática.

Considerando as questões éticas que envolvem a relação terapeuta e paciente, e com o intuito de preservarmos a identidade da paciente, ao discorrer deste relato baseado em seu caso, trataremos por “**Joana**” a paciente.

Faz-se necessário também, introduzir de forma breve alguns aspectos sobre a forma a abordagem e o número de sessões para a qual a paciente inicialmente propôs-se, bem como algum contexto, para que se possa compreender de forma mais consistente o caso em tela.

O laço de transferência entre a paciente e a figura da analista ocorreu de forma positiva, não houveram dificuldades para realizarmos as etapas propostas nas sessões. Apesar da transferência ter ocorrendo de maneira satisfatória, observa-se que em alguns momentos a analisanda, não conseguia explorar alguns aspectos necessários para a evolução da terapia. O processo de livre associação de ideias, por exemplo, foi extremamente difícil para ela.

As dificuldades relacionais com os familiares surgiram em todas as sessões, bem como a dificuldade financeira. No cenário da época, a paciente não se relaciona com o genitor desde a separação dos pais, haviam conflitos recorrentes com a mãe, evitando uma aproximação, apesar de dividir o apartamento com a irmã, vivia em uma constante recorrência de brigas, normalmente motivadas por questões financeiras.

Observou-se que de certa forma, existia neste emaranhado conflito familiar, uma certa presença de transtorno narcísico, identificado por mecanismos defensivos de negação, quando confrontada com alguns aspectos dos pontos sensíveis, dificuldade de pedir ajuda e baixíssima capacidade de tolerância às frustrações.

Optou-se pela psicoterapia breve, onde os encontros preliminares necessitam acontecer dentro de uma dinâmica mais objetiva e, em um ciclo (inicialmente) de 10 atendimentos como forma de trabalharmos as queixas e angústias, com a finalidade de auxiliá-la em seu sofrimento psíquico.

É relevante ressaltar que a analisanda, teve neste ciclo de sessões, sua primeira experiência com suporte psicológico através das sessões que conduzimos. Não apresentou nenhuma indicação por médicos ou outros meios para o início do tratamento. Segundo a anamnese conduzida na primeira consulta, a paciente não apresentava histórico de abuso de substâncias lícitas ou ilícitas. Da mesma forma, não foi relatado nenhum outro indivíduo do grupo nuclear em terapia, ou que tivesse algum histórico de doença, distúrbio ou adoecimento mental de qualquer tipo.

A queixa inicial apresentada foi o quadro de depressão, percebida por ela própria, originada nos dois últimos anos, que vem evoluindo como forma de anedonia e apatia. Ainda na primeira sessão enquanto conduzia-se a anamnese, houve um relato espontâneo de uma tentativa de suicídio, causada aparentemente pelo quadro de melancolia na qual a mesma se encontrava.

Joana chegou ao consultório apresentando queixas de depressão persistente, de evolução crescente, com episódios de pensamentos suicidas. Chegou a planejar seu suicídio por ingestão de medicamentos, tendo sido impedida apenas por uma amiga que a dissuadiu de seu objetivo.

A paciente mostrou-se emotiva e quase sempre chorava durante as sessões, contudo, mostrava dificuldade de expor seus sentimentos. Sua sensibilidade nas relações familiares gerou angústias que ao logo da vida, sobretudo no fim da infância e adolescência, foram sendo recalçadas, e que agora começa a apresentar quadros de sofrimento com as funções egóicas, uma vez que o seu conteúdo inconsciente começa a se manifestar como forma de melancolia e, portanto, paralisia nos seus desejos, e sentimento de não ser capaz de encontrar saída para seus problemas cotidianos.

Dentro do quadro de estrutura neurótica da paciente, apresentava desinteresse nas relações objetais ordinárias, como a manutenção e busca por um trabalho, sua relação com seu parceiro, manutenção de seus relacionamentos familiares, sociais e amorosos, que parecem não influenciar seu funcionamento psíquico. Ainda como sintoma de neurose, percebe-se a baixa autoestima e o mal estar consigo própria,

com destaque para a pulsão de morte, e os pensamentos suicidas, como única forma de lidar e encarar suas dificuldades.

Seu sofrimento psíquico que se estabelece entre neurose de angústia e estado depressivo, parece ter relação com a fase final da infância e o *objeto perdido*, que neste caso, refere-se ao luto mal elaborado da perda dos avós, os quais segundo a paciente “eram a porção feliz de sua vida”, bem como a *depressão por perda*, que promoveu uma ruptura traumática e significativa, quando já adulta, em um episódio de doença que necessitava intervenção cirúrgica e exigia repouso absoluto prolongado por tempo mínimo de trinta dias, Joana que já havia previamente combinado com sua mãe todo o período pós cirúrgico, foi surpreendida, quando sua genitora mudou-se de cidade deixando-a sem apoio ou estrutura. Nesse processo ela percebeu-se frágil fisicamente, desamparada, e perdeu seus objetos e animais, que foram levados pela mãe. É exatamente esse aspecto que destacamos como convergente para as teorias estudadas até aqui.

No tocante as sessões conduzidas, utilizou-se diferentes ferramentas para promover a escuta ativa da paciente. Todas com a intenção de promover intervenções com o objetivo do favorecimento de uma autoavaliação e possível enfrentamento dos sintomas.

A paciente aos poucos, permitiu-se mergulhar em seu inconsciente, tornando-se, portanto, sua própria observadora à medida em que ia resgatando diversas memórias de prazer e desprazer, e as verbalizava segundo o que recordava, reproduzindo um olhar de si mesma partindo de outro ponto de vista.

Há um sentido em que ver é uma atividade ‘permeada de teoria’. A observação de *x* é moldada pelo conhecimento anterior de *x*. Outra influência sobre as observações deriva da linguagem – ou da notação usada para expressar o que sabemos – sem a qual haveria pouco que pudéssemos reconhecer como conhecimento (HANSON, 1975, p. 19).

Em uma das sessões, optou-se por explorar um jogo de perguntas e respostas sobre si mesma e suas memórias, como por exemplo, falar tudo que ela sabia sobre o próprio nascimento, sua primeira lembrança, se foram boas ou ruins. A paciente deveria desenhar em um papel com uma linha, colocando as idades de 0 aos 35 anos

(idade que tinha na ocasião). Na parte superior seriam colocadas as experiências e sentimentos felizes, e na parte inferior os sentimentos e experiências negativas. A analisanda se entregou totalmente ao processo, quase não sendo necessário interferência profissional, visto que a medida em que falava dos momentos, e anotava-os, lembrava-se de outras experiências em diferentes idades, e as compartilhava.

Houve momentos que a interferência foi no sentido de conduzir a interpretação de alguns fatos, como por exemplo, ao perguntar a paciente qual foi sua maior perda recente, ela respondeu – “meu gato”. Trabalhou-se então a representação da perda do gato. O gato simbolizava um momento no qual após uma doença debilitante que demorou a ser diagnosticada e, que culminou na necessidade de cirurgia, a paciente precisava manter-se em repouso e contava com o suporte da mãe pelo prazo de trinta dias, mas, após uma semana da cirurgia, a mãe decidiu-se por mudar para outra cidade, deixando-a sem abrigo, tendo ela, portanto, que abrir mão do seu espaço, de seus objetos e do gato, além de ter tido de buscar outro local para passar pela recuperação da cirurgia.

Levando em consideração sua situação clínica e a distância entre sua residência e a de sua mãe, ela ficou impossibilitada de viajar por meses. Assim que Joana se restabeleceu, empenhou-se em ir à nova casa da mãe para reaver seus objetos e seu gato, lá chegando, foi informada da morte do animal.

Como forma de reprimir os sentimentos de desamparo, decepção, medo e frustração, toda dor e angústia foi direcionada à perda do gato. Ao término desta intervenção, ela pôde confrontar suas próprias anotações e percebeu que o momento que ela passou a sentir os primeiros sintomas de depressão coincidiam com aquela etapa em particular. Ao ser indagada se ela tinha consciência desses eventos como parte do sintoma, ela disse nunca ter feito tal associação.

Realizar esse tipo de interpretação, exige que o terapeuta vá além da escuta formal, é preciso observar a linguagem do corpo, e tudo que não foi verbalizado, mas sentido e demonstrado pelo paciente.

O corpo fala! Basta a observação de como o bebê comunica-se com a sua mãe para comprovar essa afirmativa. Desde as descobertas de Freud (“o ego, antes de tudo, é corporal”), além daquelas relativas aos seus múltiplos relatos de conversões histéricas, até os atuais e aprofundados estudos da, psicanalítica, Escola Psicossomática de Paris, cada vez mais, todos os psicanalistas estão atentos para fazer a leitura das mensagens psíquicas emitidas pelo corpo. (ZIMERMAN,1999, p.161).

Assim, verifica-se que as teorias apresentadas por Freud, tem como preocupação, a observação de diferentes aspectos, que não apenas os verbais. Ao perceber a simbolização (gato), abriu-se para a paciente uma nova forma de observar suas próprias fragilidades, considerando uma nova ótica.

CONCLUSÃO

É importante desmistificar o senso comum da visão da ciência como neutra e absoluta. Com esse olhar, considerou-se os pensamentos hansonianos os quais preconizam a indivisibilidade da observação e da interpretação. Observar é ter uma experiência, na qual há no ver algo a mais do que se chega aos olhos. Ao observar algo, cria-se expectativas baseadas no conhecimento prévio do indivíduo adquirido ao longo de sua experiência. Dessa forma, entende-se que a observação científica e a interpretação científica vivem uma vida de simbiose, sustentando uma a outra, na qual seria impossível sua separação.

Em contraponto, considerando a teoria freudiana, há a sustentação da prática clínica em psicanálise devendo esta, estar sempre sendo caracterizada como distante e imparcial. No entanto, ao longo dos anos, esse entendimento foi sendo refutado na prática, parecendo concordar com as premissas de Hanson, conforme destacados por outros teóricos mais contemporâneos.

No mais, considerando as ideias hansonianas que preconizam o observar como ter experiências, na clínica, tem-se uma descoberta a ser trabalhada e explicada ao paciente, trazendo do seu inconsciente ao consciente.

Entende-se, portanto, que os casos clínicos são permeados de momentos de observação, feitos pelo analista, mas também feitos pelo próprio analisando ao refletir

sobre suas experiências prévias e resignificando-as. Ou seja, é preciso que o paciente passe pelas quatro etapas da interpretação, Confrontação, Clarificação, Interpretação e Resolução do problema, para só então associado as técnicas do analista tal resignificação possa ocorrer.

Com o estudo de caso narrado, foi possível observar na prática, o que foi discutido nessa breve pesquisa. Conclui-se que o ato de observar e interpretar, estão indissociáveis, assim como observado por Hanson, uma vez que ao longo das atualizações das técnicas de manejo clínico, a psicanálise passou a se beneficiar da ideia de que a neutralidade e imparcialidade não existe no consultório, dada a natureza humana e a subjetividade do psicanalista.

Se hoje não há mais espaço para o princípio do espelho proposto por Freud, cabe ao analista manter suas convicções, crenças e experiências pessoais, resguardadas, mas ao mesmo tempo, permitir-se lançar mão desse mesmo aspecto como ferramenta terapêutica, se e quando, for necessário.

Referências

BERTELLI, I. Existe olhar antes do interpretar? **Científica Mente**, 2007. Disponível em:<<http://cienciaemente.blogspot.com/2007/12/existe-olhar-antes-do-interpretar.html>>. Acesso em: 15 jul. 2022.

CHAUI, M. Janelas da Alma, Espelho do Mundo. In: O Olhar. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 31-67.

FOUREZ, G. **A Construção das Ciências – Introdução à Filosofia e à Ética das Ciências**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

GREENSON, R. **The technique and practice of psychoanalysis**. New York: International Universities Press, 1972.

HANSON, N. R. Observação e Interpretação. In: Morgenbesser, S. (org.) Filosofia da Ciência. São Paulo: Editora Cultrix, 1975.

NOVAES, A. De Olhos Vendados. In: O Olhar. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 9-20.

POPPER. K. **Os Pensadores**. São Paulo: Editora Abril, 1980.

SILVA, P. A Teoria Pragmática da Observação. **Kairos. Revista de Filosofia & Ciência**, 2010. Disponível em: <https://welcome.isr.tecnico.ulisboa.pt/wp-content/uploads/2015/05/2380_Tor-Pragm-Observ.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2022.

ZIMERMAN, D. E. **Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica** – uma abordagem didática. Porto Alegre: Editora Artmed, 1999. p. 296, 297, 397.